A MINHA ESCOLA EM SANTO AMARO

Patrícia Portela

Quando eu vim para cá dar aulas éramos oitocentos habitantes, agora somos apenas quatrocentos e nenhum jovem. Era impensável ser educador de infância naquela altura. O curso era proibido a homens, eu é que insisti e insisti e insisti, até que lá me aceitaram, até porque precisavam desesperadamente de mais educadoras...

O meu diploma dizia mesmo: António Ramos Santos concluiu na data tal e tal de 1975, o curso de educadorA de infância.

Até me dá alguma graça... Os meus amigos pensavam que eu era louco.

Tenho muito orgulho em dizer que fiz parte dos primeiros projectos de acção escolar para a pré-infância ali na Calçada da Ajuda. Sim, eu não era daqui e, na altura, vir para o Alentejo profundo dar aulas era uma violência que só atraía apaixonados como eu. Mas também era um lugar único para se praticar uma metodologia, que em Lisboa, naquela altura, mesmo com a abertura e a liberdade que se sentiam naqueles tempos, não se conseguia proporcionar aos alunos. Aqui, aprendia-se mesmo em comunidade.

Sempre adorei a minha profissão. Sempre adorei o Alentejo. E agora que me reformei, já não troco este lugar por nenhum outro. Tenho aqui os meus trapinhos, passei aqui os meus melhores momentos, são daqui as minhas mais longas amizades.

Lembro-me bem dos meus primeiros dias de escola. Eu morava mesmo aqui, na praça, a dois minutos da escola, num quartinho alugado a uma senhora viúva e sem filhos. Eu lia-lhe o jornal todas as manhãs antes de sair. De noite, quando eu prolongava as minhas horas na escola, ela deixava-me sempre um pratinho servido na mesa da cozinha com uma dose de arroz e umas fatias de vitela ou um bifinho de frango, desculpando-se sempre no dia seguinte com a falta de apetite.

Dar aulas é como praticar pesca à linha, apanha-se uma iguaria de cada vez. Cada miúdo é um paraíso e um quebra-cabeças único e raro. Por isso, sempre me

recusei a fazer reuniões de pais regulares na escola.

Sempre preferi reunir com os pais e as mães, um a um, fora da escola, longe do lugar onde eu é que era a figura de poder. Como é que podemos saber mais sobre as crianças que educamos se só as conhecemos quando estão connosco e sob a nossa autoridade?

Eu, na altura, fui ter com os pais e, um a um, perguntei-lhes o que achavam mais necessário para o crescimento dos seus filhos e filhas. Perguntei-lhes quais as suas maiores ansiedades e medos, quais os elementos fortes ou mais criativos de cada uma das suas crias, quais os seus talentos e quais seriam as fragilidades. A pouco e pouco construí um puzzle com todos os pedidos, todos os desejos, mas também todas as preocupações.

E foi sempre assim. Aqui, bastava pedir ajuda aos pais e conseguíamos montar na escola um atelier de tecelagem, podíamos passar um dia na apanha do grão ou do tomate, chegámos mesmo a ter um workshop de arqueologia! Onde é que alguma vez conseguiríamos dar estas oportunidades no centro de Lisboa, onde os pais se dividiam em três trabalhos, todos a horas de distância de casa? Aqui no Alentejo cooperávamos uns com os outros. Aqui, no Alentejo, nós púnhamos em prática a revolução democrática que nos tinham prometido. Nós cooperávamos, ou seja: nós operávamos uns com os outros, nós tomávamos decisões em conjunto, pais, filhos, professores, encarregados de educação, funcionários, mas também a igreja, a senhora do café em frente, o senhor Zé que organizava a Bênção do Gado todos os anos e pedia a nossa ajuda para a decoração das carroças. Nós escolhíamos as cores com os miúdos, fazíamos o projecto com a ajuda dos pais, preparávamos os materiais para as pinturas e para os enfeites, e tudo isso era matéria para as aulas.

Há tantas maneiras de cumprir um currículo. Por exemplo, lá na escola tínhamos três ovelhas e todos e todas na escola eram responsáveis pela sua saúde e alimentação.

Chegámos a ter um borrego — sabe que estamos na Capital do Borrego, não sabe? E sabe como alimentávamos aquele borrego? Com o leite das vacas que

tinham mastites. Esse leite não era próprio para consumo, mas dava perfeitamente para alimentar o nosso borrego, e um pai, quando sabia que uma ou outra vaca estava mais doentinha, avisava a escola e trazia o leite. E assim nasciam cumplicidades, percebe-me? Com os pais, com a aldeia... Por exemplo; se durante a semana era fácil alimentar as ovelhas e o borrego – até chegámos a ter galinhas – no fim de semana, a chave da escola circulava entre os pais de cada turma, e calhava à vez um fim de semana na escola a um encarregado de educação. Isto hoje era impossível; teríamos de preencher tantos formulários e teríamos de pagar a tantos funcionários para fazerem horas extraordinárias só para abrirem a porta, que teríamos de desistir do borrego.

Nós, as educadoras de infância, praticávamos a democracia a sério. Nada como essa coisa representativa que se usa agora e que só serve para manipular as pessoas. Nós éramos o exemplo de uma democracia participativa. Ainda hoje, quando me falam de responsabilidade e cidadania, eu digo sempre que isso não é uma coisa que se ensine durante uma hora e meia de aula, responsabilidade e cidadania praticam-se! Cooperar é operar com os outros, e era isso que fazíamos na escola, todos os dias: operávamos uns com os outros!

Hoje a escola é um lugar ambivalente, uma super-estrutura que decidiu situar-se num território que actua de fora para dentro, com conteúdos desligados das realidades diárias das famílias destas crianças.

Naquele tempo era diferente! Lembro-me perfeitamente de uma aula em que ensinámos todos a projectar uma casa! Sim, lembro-me como se fosse ontem! Com giz desenhámos no chão a dimensão de uma casa e depois com cordas medimos tudo muito bem medido para que todos percebessem como se constrói uma casa, como se planeia antes de edificar.

Nós até fizemos cimento. Escrevemos uma cartinha aos pais para trazerem as galochas num fim de semana, e ajudarem a levantar as paredes da escola. Quantas tardes não passei eu no campo com os miúdos a enfiar flores para fazer os cordões que enfeitavam o cruzeiro e a capela para o 3 de maio. Retocavam o cesto do

menino todos os anos. Aquilo tinha muito significado para todos: para a aldeia, para os pais, para os miúdos!

Há muitas maneiras de ensinar a escrever e a ler. Numa tarde na pradaria, a matemática entrava-nos pela vida adentro e transformava-nos. Mas não se engane! Eu não sou nem nunca fui animador cultural, sou, e com muito orgulho, educadora de infância e os miúdos comigo não faziam ranço!

As educadoras foram, na verdade, os grandes agentes culturais das aldeias mais remotas, naqueles tempos. Quando se institucionalizaram as relações na comunidade, perdemos esta cumplicidade enquanto deixamos que o poder se reafirme na sua forma mais aberrante, afastando os pais da escola e os currículos das suas matérias.

A democracia participativa é muito mais importante!

Sabe, dos projectos mais bonitos que fiz nos meus cinquenta anos de serviço foi ali nos anos 80 uns livrinhos de cordel que fizemos com as histórias dos avós da aldeia. Com o aumento da escolaridade obrigatória, as famílias com filhos pequenos começaram a mudar-se para Sousel, ou então, e eram muitos os casos, os filhos passavam o dia todo fora, chegavam muito tarde a casa e deixavam de confraternizar com os avós e com os pais. Já viu o paradoxo? A escolaridade obrigatória aumentara e o ensino acabara por afastar as diferentes gerações. Andámos às voltas, às voltas até que lá tivemos uma ideia: e se fizéssemos um cancioneiro de avós? Um livro onde contássemos as histórias de todos aqueles que não sabem escrever mas têm memórias antiquíssimas que serão perdidas para todo o sempre se não as registarmos. Foi um ano lindo. Eu próprio enchi vários cadernos com histórias que se não tivessem sido escritas na altura, hoje ninguém as conheceria. Olhe, foi assim que descobri que o único rádio que havia na aldeia era na escola. Tinha sempre um copo de água em cima. Sabe porquê? Por causa dos tempos da Pide, antes da Revolução. A Pide poderia passar na rua e querer saber que rádio se ouvia na escola, a Rádio Liberdade ou a Emissora Nacional, mas se puséssemos um copo de água em cima da telefonia, criávamos interferência

suficiente tornando impossível perceber em que onda estava sintonizada. Entretanto veio a Revolução e o copo lá ficou.

Em cima da telefonia. E todos os dias alguém lhe muda a água. Esta era uma das muitas histórias que ouvimos das avós.

Ainda tenho uns quantos exemplares lá em casa.

Mas hoje é tudo diferente. Hoje vivemos num permanente retrocesso!

A vida aqui é dura, sabe? Não imagina como era a vida aqui há quarenta anos. Agora ainda é duro, mas sempre vivemos com a sensação de que o resto do País está mais próximo. Mas não se pode dizer que agora seja mais fácil aprender. Naquela altura decidir vir para aqui para ser educadora de infância, volto a sublinhar, educadora e não educador, apesar deste meu lindo bigode que nunca cortei, não era para qualquer um. Ah! O que eu trocava para voltar atrás no tempo. Os melhores anos de Revolução foram aqueles.